

Teatro português

Flavia Maria Corradin
Francisco Maciel Silveira

Já dizia Almeida Garrett, no texto introdutório a **Um auto de Gil Vicente**, que “em Portugal nunca chegou a haver teatro, o que se chama teatro nunca...”¹.

Quais as causas para um povo de tão opulenta literatura jamais ter tido tradição no que respeita à dramaturgia? Afinal passaram-se três séculos, desde a fundação do teatro português com Gil Vicente até o Romantismo, e a cena lusa jamais deixou a fase do engatinhar. Talvez possamos abrir um parêntesis nesta longa lacuna da dramaturgia portuguesa para mencionar o nome de Antônio José da Silva, o Judeu, cujas oito peças que nos legou comprovam seu estro dramático, ceifado, entretanto, em 1739, nos cárceres da Inquisição. O próprio Garrett explica tal questão:

O teatro é um grande meio de civilização, mas não prospera onde a não há.

(...)

Depois de criado o gosto público, o gosto público sustenta o teatro: é o que sucedeu em França e em Espanha; é o que teria sucedido em Portugal, se o misticismo belicoso de el-rei D. Sebastião, que não tratava senão de brigar e rezar, — e logo a dominação estrangeira que nos absorveu, não tivessem cortado à nascença a planta que ainda precisava muito abrigo e muito amparo.²

A resposta só poderia ser dada por um romântico que crê firmemente nos valores nacionalistas, isto é, na independência nacional, pois, segundo nosso Autor, “...a literatura dramática é, de todas, a mais ciosa de independência nacional.”³

Se a reconquista da independência política ocorrera em 1640, é com os ideais liberais advindos da Revolução Francesa, (responsável pela entronização de uma nova classe social — a burguesia —), que Portugal, de fato, emerge para uma tentativa de ressurreição, ou até mesmo de (re?)criação da dramaturgia nacional.

A revolução de setembro de 1836, conhecida como Setembrismo, liderada, entre outros, por Passos Manuel, intentava o fomento cultural do País. Para tanto, Garrett é nomeado Inspetor Geral dos Teatros, (se é que podemos afirmar ter havido teatros capazes de serem inspecionados, pois só existiam “duas arribanas” — Salitre e Rua dos Condes). Pondo mão à obra, criou o Repertório da Cena Nacional, que intentava

¹GARRETT, Almeida. **Frei Luís de Sousa - Um auto de Gil Vicente** (prefácio de Teófilo Braga).Porto, Chardron, s/d., 157.

²**Id. ibid.** , p.158.

³**Id. ibid.** , p.161.

valorizar os autores dramáticos por meio de prêmios aos novos talentos, e o Conservatório da Arte Dramática, que se propunha a julgar as peças aí inscritas. É também de Garrett a idealização do futuro teatro D. Maria II, inaugurado efetivamente em 1846 com o drama histórico **Magriço ou os 12 de Inglaterra**, de Jacinto de Aguiar Loureiro. Eis os três elementos indispensáveis, na óptica garrettiana, para que frutificasse a cena portuguesa.

Talvez possamos aventar um quarto fator sem o qual seria impossível o florescimento da arte dramática: o espectador. Classe dominante, desejosa de *ver e ser vista*, expressão patenteada pelo crítico Ortega y Gasset que se aplica precisamente à visão de mundo dessa camada da sociedade, a burguesia, que buscava, em seu tempo livre, a valorização cultural, já ideada por Garrett.

Ainda que atrasado em relação ao resto da Europa, Portugal, a partir da Revolução Liberal, com o Setembrismo, democratiza a alfabetização, o ensino e mesmo a cultura, permitindo, assim, o acesso das camadas populares aos “bens de consumo literários”, tais como o romance e o teatro. Porém a popularização do conhecimento e das artes causa um novo problema: a burguesia, ainda que pretendendo aristocratizar-se, está bastante distante de atingir o tão sonhado intelectualismo que a capacitaria ser espectadora de grandes obras teatrais. Surge, então, uma produção dramática que, restrita às imitações ou traduções de textos dramáticos alienígenas, revelava-se proveitosa exclusivamente para agradar ao gosto diletante das massas populares.

Portanto, a cena lusa, nesse século XIX, é financiada e frequentada por um público muito pouco exigente em termos de qualidade cênica e/ou literária, o que implica (talvez com uma única exceção — **Frei Luís de Sousa**, Almeida Garrett —) a baixa qualidade das (e certa dose de alienação nas) peças produzidas no período.

Ao fim e ao cabo, a proposta de soerguimento do teatro nacional português, formulada por Almeida Garrett, parece ter esbarrado, de um lado, na tradição melodramática importada da França, dando asas ao chamado melodrama burguês; de outro, no melodrama histórico, no qual se privilegia tão-somente uma visão superficial e episódica da História, em que fatos e pessoas se desvinculam do processo em que estão inseridos.

Embora persista a sobrevivência do teatro histórico, o Realismo no teatro português inicia-se em 1893, com **Os velhos**, de D. João da Câmara, mesmo autor que, no ano seguinte, dá início ao drama simbolista, com **O pântano**.

No século XX, o teatro português, como afinal toda a cultura lusa, fica à mercê do obscurantismo salazarista, inspirador de um teatro de resistência, perpassado pela teoria brechtiana, em voga no período. Cabe ressaltar os nomes de Sttau Monteiro, com seu **Felizmente há luar!** (sigla de Liga de União e Ação Revolucionária), 1961 e de Bernardo Santareno, cujas peças **O Judeu**, 1966 e **O Inferno**, 1967, por exemplo, sem descurar da temática histórica, acabam por reler alegoricamente o salazarismo e suas simpatias nazistas.

Para fechar este sucinto apanhado da dramaturgia portuguesa, lembremos o nome de Jaime Gralheiro, cujas peças, escritas imediatamente antes e logo depois da Revolução dos Cravos, buscam refletir acerca de nomes e/ou episódios inscritos na história do país numa esperançosa busca de um futuro que volte a espelhar o passado glorioso da nação.

Histórias do teatro português

Poder-se-ia dizer que **História do teatro português**, de Luciana Stegagno Picchio (1969), cuja primeira edição — **Storia del teatro portoghese**, Roma, 1964 — é o primeiro trabalho que sistematiza criticamente a dramaturgia portuguesa. Embora considere que o teatro é um “género desleixado em Portugal, afirma a autora que o pós-guerra deu margem a uma produção teatral mais consistente, engajada mesmo, imbuída de pruridos brechtianos, já que o teatro “é uma das mais diretas formas de inserção activa do artista na sociedade”.

As estruturas das edições italiana e portuguesa permanecem a mesma: parte-se de um fragmento de texto “canônico” para percorrer a dramaturgia do período, promovendo aproximação e distanciamentos. Assim, a autora historia o teatro português, em dez capítulos, que percorrem da Idade Média à década de 60 do século XX.

Estruturado também em dez capítulos, **A história do teatro**, de Luiz Francisco Rebello, 1972, rastreia de maneira sucinta e crítica as manifestações teatrais portuguesas. Destaque para a pré-história a lembrar-nos de que antes de Gil Vicente houve em Portugal o arremedilho, no século XII, o teatro litúrgico, no século XIII, os momos, sobressaindo-se a figura de Anrique da Mota. Naturalmente merecem atenção o teatro de Gil Vicente, a herança vicentina, o teatro de cordel e as tentativas do teatro da Arcádia. Não poderiam ser esquecidos Garrett e o drama romântico, a permanência do melodrama histórico no século XIX. No teatro entre as duas guerras, Rebello destaca

Alfredo Cortês e Carlos Selvagem, a tratarem da desagregação da sociedade burguesa nos anos da guerra e nos que imediatamente se seguiram. No décimo capítulo, o autor compila as tendências atuais do teatro português.

Com o desejo de ser informativo, evitando a sobrecarga de dados factuais disponíveis em outras fontes bibliográficas, **História do teatro português**, de José Oliveira Barata (1991), em seus sete capítulos, começa por problematizar a especificidade do fenómeno teatral, oferecendo um modelo teórico de análise e ainda reflete acerca da vitalidade de uma tradição dramática portuguesa. Os capítulos II, das origens a Gil Vicente, III, Reflexos do renascimento europeu no teatro português, IV, A dramaturgia portuguesa em busca de identidade, V, Do romantismo ao naturalismo, VI, do simbolismo à modernidade, VII, O teatro português contemporâneo no contexto da crise entre guerras, rastreiam diacronicamente as manifestações teatrais portuguesas, dando destaque a António Ferreira (**Castro**), António José da Silva, Garrett (**Frei Luís de Sousa**), D. João da Câmara (**Os velhos**), o teatro poético de António Patrício, Raul Bandão, culminando na contemporaneidade com Sttau Monteiro (**Felizmente há luar!**), Bernardo Santareno (**O Judeu**). Não enveredando por comentários de textos dramáticos, **História do teatro português** oferece linha de reflexão, levando o leitor a construir criticamente sua visão do que houve (há) de mais importante no teatro português.

Produto de trinta anos de trabalho dedicados ao teatro, a **História do teatro português**, de Duarte Ivo Cruz (s/d), envolvendo simultaneamente um sentido factual e um sentido crítico, percorre, em catorze capítulos, as tendências do teatro português, indo dos “sinais difusos do teatro pré-vicentino” para a modernização do teatro com Anrique da Mota, Gil Vicente, António Ribeiro Chiado, Baltazar Dias. O teatro clássico merece a atenção do historiador em suas oscilações do texto e do espetáculo. O capítulo IV, intitulado “O teatro da expansão”, leva-nos a atentar para a expansão na criação e cultura teatrais, seminando o teatro brasileiro, o indiano e o africano. A primeira parte de sua história termina com os clássico, neoclássico e naturalmente Garrett e o Romantismo. A segunda, de 1893 a 2000, dedica-se à potenciação e sinais de modernidade, findando no décimo quarto capítulo com o teatro português contemporâneo, seus caminhos e tendências.

Releva notar ainda o livro de Graça dos Santos, da Université de Haute-Bretagne – Rennes II, cuja edição portuguesa se intitula **O espetáculo desvirtuado: o teatro português sob o reinado de Salazar (1933-1968)**, 2004. Trazendo à tona um arsenal de

documentos, o trabalho parte das memórias de artistas, arquivos, encenadores e artigos de imprensa para tratar da vida teatral (e cultural) durante o salazarismo com o objetivo de analisar as particularidades do teatro português do período em comparação com o de outros países que viveram regimes ditatoriais. O ponto nevrálgico do livro é o capítulo que trata do Teatro do Povo, ideado por António Ferro, exemplo maior de propaganda do regime, em confronto com o Théâtre Populaire Française, apontado por Ferro como inspirador do projeto português. Ao fim e ao cabo, percebe-se muito pouco em comum entre as duas iniciativas. A autora acaba por concluir que a evolução teatral portuguesa é sobremaneira importante para a redemocratização do país.

Para finalizar, não se poderia deixar de lado o trabalho coordenado por investigadores do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, intitulado **Documentos para a História do Teatro em Portugal** (<http://ww3.fl.ul.pt/cethhttp/webinterface/default.htm>). O projeto, como deixa patente o título, reúne fontes documentais da atividade teatral portuguesa do século XVI ao XIX, permitindo ao interessado diferentes possibilidades de filtros de acesso. Sem dúvida, trata-se de fonte bibliográfica capital para aqueles que se dedicam ao estudo do teatro português nos diferentes âmbitos do conhecimento.

Referências:

- BARATA, José Oliveira. *História do teatro português*. Lisboa, Universidade Aberta, 1991.
- BARATA, José Oliveira. **António José da Silva: criação e realidade**. Coimbra, Serviço de Documentação e Publicações da Universidade de Coimbra, 1983-1985, 2 vols.
- BERNARDES, José Augusto. **Sátira e lirismo no teatro de Gil Vicente**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2006, 2 vols.
- BOTTON, Fernanda Verdasca. **Fígados de Tigre: em busca da origem e genealogia do melodrama**, dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2002.
- BOTTON, Fernanda Verdasca. **A lira assassina de Orfeu (Bernardo Santareno e os intertextos de O Inferno)**, tese de doutoramento, FFLCH-USP, 2008.
- BOTTON, Fernanda e Flavio (org.). **O teatro de Bernardo Santareno**. São Paulo, Editora Todas as Musas, 2014.
- BRAGA, Teófilo. **História do teatro português**. Porto, Imprensa Portuguesa-Editora, 1870-1871, 4 vols.
- CASTRO, Aníbal Pinto de. **Breves reflexões sobre o teatro em Portugal nos séculos XVII a XVIII**, in Prefácio ao **Catálogo da colecção de miscelâneas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra**, 1974.
- CIDADE, Hernâni. **O formalismo no teatro e no romance**, in **Lições de cultura e Literatura portuguesas**. Coimbra, Coimbra Editores, vol. I, 1984, pp. 501-512.
- CORRADIN, Flavia Maria. **Camilo Castelo Branco: Dramaturgia e Romantismo**, tese de doutoramento, FFLCH-USP, 1998.

- CORRADIN, Flavia Maria. **Antônio José da Silva, o Judeu: textos versus (con)textos**. Cotia (SP): Íbis, 1998.
- CORRADIN, Flavia Maria. **Camilo Castelo Branco – Uma dramaturgia entre a lágrima e o riso**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2008.
- CORRADIN, Flavia Maria. **Vista d’Olhos em textos dramáticos e ficcionais da literatura portuguesa**. São Paulo, Editora Todas as Musas, 2011.
- CORRADIN, Flavia Maria. **O teatro da história em Jaime Gralheiro: futuro de que passado?**, tese de livre-docência, FFLCH-USP, 2013.
- CRUZ, Duarte Ivo. **Introdução ao teatro português**. Lisboa, Guimaraes & Cia., 1983.
- FREIRE, Rogéria Alves. **Relações dialógicas entre o Barão, de Sttau Monteiro, e o conto homônimo de Branquinho da Fonseca**, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2008.
- JESUS, Virgínia Maria Antunes de. **Miguel Rovisco: biobibliografia**, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2002.
- JESUS, Maria Virgínia Antunes de. **Miguel Rovisco: o teatro da História**, tese de doutoramento, FFLCH-USP, 2008.
- JUNQUEIRA, Renata Soares. **Transfigurações de Axel**. São Paulo, Unesp, 2013.
- JUNQUEIRA, Renata Soares e Mazzi, Maria Glória Cusumano (org.). **Presença de Antônio José da Silva, o Judeu**. São Paulo, Perspectiva, 2008.
- MACHADO, Alleid Ribeiro. **O plantador de naus a haver sob a óptica da intertextualidade**, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2006.
- OLIVEIRA, Caio Fernando de. **Literatura e História na peça D. Afonso VI, de D. João da Câmara**, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2011.
- NEMETH, Lilian Casalderrey Prochaska. **D. Carlos: o duplo ficcional refletido na verdade histórica**, dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2016.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. **História do teatro português**. Lisboa, Portugália, 1969.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. **Richerché sul teatro portoghese**. Roma, Ateneo, 1964.
- RABELO, Rosana Baú. **Um olhar sobre a dramaturgia de Armando Nascimento Rosa: intertextos, contextos, mito e história em um Édipo**, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2011.
- REBELLO, Luiz Francisco. **História do teatro português 2ª ed.**. Lisboa, Europa-América, 1972.
- REBELLO, Luiz Francisco. **O primitivo teatro português**. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve, 1977.
- REBELLO, Luiz Francisco. **O teatro naturalista e neo-romântico (1870-1910)**. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve, 1978.
- REBELLO, Luiz Francisco. **O teatro romântico (1838-1869)**. Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve, 1980.
- REBELLO, Luís Francisco. **O teatro simbolista e modernista (1890-1939)**. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve, 1979.
- REBELLO, Luiz Francisco. **Teatro português. Do Romantismo aos nossos dias: cento e vinte anos de Literatura teatral portuguesa**. Lisboa, Edição do Autor, 1959.
- RÉGIO, José. **Vistas sobre o teatro**. in *Três ensaios sobre arte*. Lisboa, Portugália, 1967, pp. 103-170.
- ROIG, Adrien. **O teatro clássico em Portugal no século XVI**. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve, 1983.
- ROSA, Carlos Junior Gontijo. **O criado e o semideus: o tragicômico de O Precipício de Faetonte, de Antônio José da Silva**. Verlag (Alemanha), Novas Edições Acadêmicas, 2014.

SILVA, Martha Francisca Maldonado Baena da. **A comédia clássica de Sá de Miranda e o diálogo intertextual com seus paradigmas literários**, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2006.

SILVA, Edson Santos. **A dramaturgia portuguesa nos palcos paulistanos (1864-1898)**. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2012.

SILVA, Edson Santos. **O drama histórico de Almeida Garrett: o presente à luz alegórica e exemplar do passado**, dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2001.

SILVEIRA, Francisco Maciel. **Concerto barroco às óperas do Judeu**. São Paulo, Editora Edusp/Perspectiva, 1992.

SILVEIRA, Francisco Maciel. **Fernando Pessoa(s) de um drama**. Jundiaí (SP): Reis Editorial, 1999;

SILVEIRA, Francisco Maciel. **Exercícios de caligrafia literária: Saramago quase**. Curitiba, Editora CRV, 2012.

TEYSSIER, Paul. **Gil Vicente o autor e a obra**. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve, 1982.

WARBESKI, Maria Lúcia de Amorim. **D. Manuel I: ser rei à ventura é ter a ventura de ser rei?**. Verlag (Alemanha), Novas Edições Acadêmicas, 2016.

XAVIER, Lola Geraldés. **Deleitar e instruir: a dramaturgia de Almeida Garrett**. Mangualde, Edições Pedagogo, 2005.

<http://www.tmp.letras.ulisboa.pt/cet#>

<http://opsis.fl.ul.pt/>

<http://www.cet-e-quinientos.com/>

<http://www.cet-e-seiscentos.com/>

<http://www.cet-e-seiscentos.com/>

<http://www.teatroproibido.ulisboa.pt/indexFirst.jsp>